



Esta obra está sob o direito de Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.

O DESAFIO DE ALFABETIZAR ALUNOS DO PRIMEIRO ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL NO PERÍODO DA PANDEMIA – 2020 A 2021

*Silvia Cristiane Pereira*¹

*Alex das Chagas Rosa*²

*Sandra Cristina de Sousa Alves*³

*Jonas dos Santos Lima*⁴

RESUMO

O trabalho em tela tem por finalidade refletir sobre o uso das técnicas e atividades voltadas para à alfabetização em uma das épocas mais difíceis para humanidade. Pra tanto, utilizamos a abordagem qualitativa, a pesquisa exploratória e a pesquisa bibliográfica. Dedicados em amparar os alunos e suas famílias em meio a uma situação de isolamento social e exclusão digital, os professores encontraram dificuldade de alfabetizar a distância as crianças do primeiro ano do ensino fundamental. Durante a pandemia da Covid-19, os alunos em fase de alfabetização precisaram prosseguir nas aulas com atividades à distância, em suas moradias, algo nunca visto. A etapa da alfabetização deve reproduzir uma sucessão de objetivos para que se faça concreto e aceitável para os alunos, ampliando em conjunto às competências linguísticas, o entendimento do mundo e de si. A prática da alfabetização procura continuar a análise do mundo e transformar o alfabetizando um intermediário da mudança pelos conhecimentos e habilitados para o entendimento. A maior dificuldade durante a pandemia foi o manuseio e acesso dos recursos tecnológicos. Os professores tiveram que refletir as suas atuações, para que o ensino alcançasse às crianças e efetivassem as fases de instrução. Foram fragilidades desde a qualidade dos equipamentos utilizados, a falta de conhecimentos das tecnologias, por parte dos professores, até o afastamento de alunos por falta de recursos, como rede de internet ou equipamentos. As aulas remotas demonstraram que existem possibilidades de transformações no cotidiano das salas, com o educador sendo comunicativo, estimulando as dúvidas, orientando os grupos de trabalho.

Palavras-chave: alfabetização; pandemia; recursos tecnológicos; exclusão digital.

¹ E-mail: cristianedavipereira@gmail.com

² E-mail: prof.alex.chagas@frm.edu.br

³ E-mail: prof.sandra@frm.edu.br

⁴ E-mail: jonaslima183@gmail.com

INTRODUÇÃO

O propósito dessa produção é fazer uma investigação sobre a etapa inicial da alfabetização e seus desafios na condição da pandemia da COVID-19. A inusitada interrupção da prática educativa que estávamos habituados provocou uma sequência de transformações em nossas convivências, sendo uma das mais importantes entre professores, alunos e a escola. Nenhum destes atores do processo educativo estava preparado para as modificações que aconteceram no mundo, onde todos tiveram, com raras exceções, que se reestruturar para se planejar uma ação eficiente e proveitosa visando reduzir as consequências do afastamento físico e social. Diante disso, foi indispensável refletir a prática enquanto educadores para não se afastarem dos alunos, não os permitindo ficarem desprovidos de um ensino considerável e de qualidade. Momento onde foi importante buscar por ações racionais e transformadoras.

Com a chegada da pandemia do Covid19, relacionada com doenças respiratórias graves, as escolas públicas e privadas tiveram que paralisar suas aulas presenciais, ao mesmo tempo adaptar seus serviços de forma remota. Nesta complexa situação, milhares de alunos, em etapa de

alfabetização, passaram a realizar suas tarefas escolares no ambiente domiciliar. A mediação passou a ser dos pais/responsáveis, visto que a presença pedagógica do professor (a) passou a ser à distância, causando impactos na prática dos alunos e no desenvolvimento da alfabetização, além das dificuldades que as famílias passaram a enfrentar, uma delas a exclusão digital, por conta dos valores dos equipamentos de telefonia móvel ou pelo valor das tarifas de internet, ou mesmo pela precarização na transmissão de dados via internet, principalmente fora dos grandes centros urbanos.

Nesta situação, principalmente a alfabetização, fase de enorme relevância para o desenvolvimento e aprendizagem das crianças que precisam de auxílio constante de professores, o afastamento atrapalhou consideravelmente a aprendizagem no que diz respeito à eficácia e qualidade. Desta forma, o presente trabalho buscou conceituar e definir alfabetização. Em seguida, abordamos a prática da alfabetização dos alunos, conforme a concepção de Emília Ferreiro (1985) acerca das possibilidades da evolução do aluno na aprendizagem da escrita e da leitura, além de abordar as dificuldades de alfabetizar no contexto da pandemia. Por fim, uma observamos como a pandemia prejudicou a

prática pedagógica dos professores alfabetizadores, que tiveram que refletir sobre novas possibilidades para um ensino considerável e de qualidade, diante de uma alfabetização como um meio de formação do ser humano, enquanto agente de transformação social.

Neste aspecto, utilizamos a abordagem qualitativa, a pesquisa exploratória e a pesquisa bibliográfica a partir das contribuições de Ana Teberosky e Emília Ferreiro (1985), Lidiane Goedert (2019), Freire e Macedo (2011), entre outros autores.

1 CONCEITO E DEFINIÇÃO DE ALFABETIZAÇÃO

A alfabetização é estabelecida como o método de conhecimento onde se progride a competência de ler e escrever de modo apropriado e a usar esta competência como um símbolo de diálogo com o seu ambiente. É o método onde os professores buscam dar mais dedicação no decorrer da etapa de educação introdutória escolar, através da evolução das ações da alfabetização, que abrangem o conhecimento do alfabeto e as técnicas para uma aprendizagem significativa. Por meio destas iniciativas, o sujeito consegue alcançar a eficiência de leitura, de compreensão de textos e da fala de maneira geral, abrangendo a operação de

números, que são aptidões indispensáveis no contexto socioeducativo. Desta forma, trouxemos para o debate importantes pensadoras, defensoras do conceito construtivista, principalmente na aprendizagem da leitura e escrita, foram as educadoras Emília Ferreiro e Ana Teberosky (1985), com o trabalho sobre a psicogênese da língua escrita, que desvendou o que pensam as crianças durante o processo de alfabetização.

Emília Ferreiro; Teberosky descreveu esse processo cognitivo:

Do ponto de vista construtivo, a escrita infantil segue uma linha de evolução surpreendentemente regular, através de diversos meios culturais, de diversas situações educativas e de diversas línguas. Aí, podem ser distinguidos três grandes períodos no interior dos quais cabem múltiplas subdivisões:

- distinção entre o modo de representação icônico e o não icônico;
- a construção de formas de diferenciação (controle progressivo das variações sobre os eixos qualitativo e quantitativo);
- a fonetização da escrita (que se inicia com um período silábico e culmina no período alfabético). (FERREIRO; TEBEROSKY, 1985, p. 19).

Assim, a alfabetização pode resinificar a competência de coletividade do ser humano, uma vez que proporciona novas experiências, além de proporcionar o acesso à bens culturais.

Neste contexto, Cagliari (1998), explica que as cartilhas trabalham com uma concepção de língua escrita como transcrição da fala. Seus textos são construídos com a função de tornar clara essa relação de transcrição tendo palavras-chave e famílias silábicas usadas repetidamente. Nesta linha de trabalho, a alfabetização não ocorre de forma significativa e o trabalho de letramento é comprometido, conforme definido nos Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa:

O ensino de Língua Portuguesa tem sido marcado por uma seqüenciação de conteúdos que se poderia chamar de aditiva: ensina-se a juntar sílabas (ou letras) para formar palavras, a juntar palavras para formar frases e a juntar frases para formar textos. Essa abordagem aditiva levou a escola a trabalhar com “textos” que só servem para ensinar a ler. “Textos” que não existem fora da escola e, como os escritos das cartilhas, em geral, nem sequer podem ser considerados textos, pois não passam de simples agregados de frases (BRASIL, 2001).

Assim, o aluno produz possibilidades sobre a escrita de uma palavra que vai se desfazendo e refazendo para outras mais apropriadas de acordo com os incentivos, práticas e mediações. Segundo as autoras, o aluno deve escrever da maneira que compreende para que o professor venha a entender em qual nível de

escrita ele se encontra, para então elaborar e levar à sala de aula atividades apropriadas para que o aluno venha a avançar progressivamente.

Destarte, a incompetência de obter a habilidade da leitura e da escrita é denominada de analfabetismo. Há também a incompetência de assimilação de textos simples, que é denominada de analfabetismo funcional. O letramento, independente da alfabetização, vai ao encontro da habilidade do uso da leitura e escrita. É a finalidade, a estruturação do conhecimento, o intuito, a criação de significado que se produz e se faz a partir da escrita, dadas as situações.

Soares (1998), faz a diferenciação entre alfabetização e letramento e entre alfabetizado e letrado:

Um indivíduo alfabetizado não é necessariamente um indivíduo letrado; alfabetizado é aquele indivíduo que sabe ler e escrever, já o indivíduo letrado, indivíduo que vive em estado de letramento, é não só aquele que sabe ler e escrever, mas aquele que usa socialmente a leitura e a escrita, pratica a leitura e a escrita, responde adequadamente às demandas sociais de leitura e de escrita (SOARES, 1998, p. 39-40).

É indispensável que se reconheça que não é viável trabalhar a educação como sendo algo específico, já que somos seres sociáveis e obtemos do meio, métodos que

intercedem no conhecimento (FERREIRO, 1996, pag.97).

A casualidade que a pandemia ocasionou, exigiu mudanças em diferenciadas áreas de trabalho, como na Educação, que em curto tempo precisou de ferramentas que proporcionassem acesso às reuniões e aulas on-line, com microfones, câmeras e computadores, além do conhecimento ágil para empregar esses recursos como meio de comunicação e intermediação das aulas. Além das fragilidades citadas, constatou-se a desigualdade socioeconômica, como a ausência dos estudantes nas aulas por falta de rede de internet ou ferramentas tecnológicas, como expressado por Aragón (2020, p.16): “a pandemia nos colocou ‘cara a cara’ com as desigualdades e fragilidades de nosso sistema educacional.”

Com o afastamento social, fez-se indispensável que os professores produzissem maneiras para assegurar o alcance a todos os estudantes, sendo necessário que também se adaptassem a essa nova situação, procurando objetivos apropriados, escolhendo as técnicas e as ferramentas para alcançar e analisar todos os estudantes e fazendo, assim, das tecnologias digitais de informação e comunicação uma das principais ferramentas de trabalho.

Ao refletir sobre os alunos em fase de alfabetização, foi indispensável pensar em atividades para esse público, com participação dos familiares e/ou responsáveis, para tanto, as atividades deveriam ser estruturadas, de forma simples e com objetivos que abarcassem as famílias. Na procura por alcançar o maior número de crianças, as atividades poderiam ser conectadas de forma digital ou impressa, retirada na escola, o que também exigia a intervenção de algum familiar e/ou responsável.

Os professores como imigrantes tecnológicos aprendendo a relacionar-se com todo esse conjunto de oportunidades que as Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDIC) vêm possibilitando, diferenciado dos estudantes, que são propriamente digitais, pois já se originaram com a existência do *wi-fi* em suas casas e ingresso a várias tecnologias. Por isso, ao longo dessa metodologia foram sendo agregadas às tarefas semanais brincadeiras eletrônicas, vídeos, formação de planos interativos pelo mural virtual e reuniões simultâneas com videochamadas.

A presença das TDIC na escola vem para alterar toda a concepção de ensino e aprendizagem e, na citação abaixo, Goedert (2019) expõe algumas dessas contribuições:

No campo educacional, as TICs, particularmente as digitais, podem contribuir para transformar o trabalho pedagógico do professor, auxiliando e ampliando competências (comunicativas, por exemplo) e metodologias de ensino e aprendizagem. Entretanto, a sua inserção no contexto escolar deve contribuir para estimular, nos alunos, o desenvolvimento do pensamento crítico, criativo e a aprendizagem cooperativa e colaborativa. Para que isso se efetive, a mediação pedagógica do professor é fator essencial (GOEDERT, 2019, p. 45).

A atividade remota expôs que há oportunidades de alterações no dia a dia da sala de aula com o professor sendo mais participativo, ou seja, “um formulador de problemas, provocador de interrogações, coordenador de equipe de trabalhos, sistematizador de experiências” (SILVA, 2001, p. 9).

A pandemia de Covid-19 trouxe uma série de desafios que provavelmente mudarão a prática docente, tornando-se necessário olhar para trás e compreender as mudanças ocorridas. A seguir, far-se-á uma análise do atual processo de alfabetização, mostrando como o pensamento de Emília Ferreiro continua sendo influente para uma abordagem mais significativa da alfabetização, possibilitando a criança uma compreensão maior daquilo que está aprendendo.

2 O PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO

O ensino da leitura e da escrita acontece de forma mais organizada nos primeiros anos do ensino fundamental e tem como finalidade proporcionar a criança o entendimento acerca do conjunto de signos e símbolos da nossa língua. Segundo a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) a alfabetização tem como foco “garantir amplas oportunidades para que os alunos se apropriem do sistema de escrita alfabética de modo articulado ao desenvolvimento de outras habilidades de leitura e de escrita e ao seu envolvimento em práticas diversificadas de letramentos” (BRASIL, 2018).

Assim, a alfabetização deve refletir uma sequência de motivos para que seja real e considerável para os alunos, expandindo simultaneamente a habilidade linguística, a compreensão do mundo e de si mesmo, orientando os alunos diante das dificuldades e possibilidades individuais. Ou seja, a realização alfabetizadora busca progredir a leitura crítica do mundo e tornar o alfabetizando um agente da transformação pelas informações que é capaz de compreender.

Para Freire e Macedo (2011) a alfabetização é uma:

Relação dialética dos seres humanos com o mundo, por um lado, e com a

linguagem e com a ação transformadora, por outro. Dentro dessa perspectiva, a alfabetização não é tratada meramente como uma habilidade técnica a ser adquirida, mas como fundamento necessário à ação cultural para a liberdade, aspecto essencial daquilo que significa ser um agente individual e socialmente constituído. Ainda da maior importância, a alfabetização para Freire é, inerentemente, um projeto político no qual homens e mulheres afirmam seu direito e sua responsabilidade não apenas de ler, compreender e transformar suas experiências pessoais, mas também de reconstituir sua relação com a sociedade mais ampla. (FREIRE; MACEDO, 2011, p.31).

Logo, a alfabetização depende de uma série de fatores para que seja significativa e efetiva, levando o educando a tomar consciência da importância e do uso da linguagem no dia a dia, como uma atividade essencial no processo social e humano. Mais do que ensinar a decodificar os signos da língua, é necessário ensinar a interpretar e compreender os significados.

Diante disso, com a pandemia de Covid-19 a alfabetização se tornou um desafio e uma necessidade ainda maior. Se antes o ensino já necessitava de alguns apoios, com o distanciamento ampliaram-se as dificuldades que o professor se confronta. E as crianças afastadas da escola e da imersão que está proporcionada na vida social e cultural, precisam do ensino e do

convívio para que se desenvolvam de forma significativa e não fiquem sem orientação educacional. Assim, a seguir serão discutidas as consequências que a pandemia trouxe na vida das crianças e professores e como ambos podem trabalhar para conjuntamente solucionar esses problemas contemporâneos.

3 DIFICULDADES DA ALFABETIZAÇÃO NO CONTEXTO DA PANDEMIA

Um dos grandes desafios durante a pandemia foi o ensino remoto através do uso de tecnologias. Com a pandemia de Covid-19 os professores tiveram que repensar e reavaliar as suas práticas para que a educação chegasse até as crianças e cumprisse as expectativas quanto as suas etapas de aprendizagem. Porém, como se tratava de processo novo, muitos entraves apareceram nessa caminhada. A falta de recurso tanto das escolas quanto dos alunos, a falta de envolvimento e engajamento, a indisponibilidade de alguns pais para ajudarem são exemplos dessas dificuldades.

Quando somadas, todas essas barreiras interferiram na aprendizagem do aluno que já tinha que lidar com uma série de outros fatores inerentes a esse processo, como a situação precária das escolas públicas, principalmente as da periferia, a dificuldade de se manter na escola devido à

falta de incentivo ou a necessidade de ajudar em casa para complementar a renda da família. Dessa forma, coube ao professor ter muito mais sensibilidade, engajamento e disciplina para tornar o ensino mais significativo, indo muito além das práticas conservadoras e trabalhando com conteúdo interativos para despertar o interesse e a atenção das crianças para o conhecimento.

As dificuldades e incertezas que se instauraram nas instituições de ensino, a partir da decretação da pandemia, requereram urgência na solução dos conflitos, poder de decisão, redimensionamento de práticas e a construção de um novo fazer pedagógico. (TEMÓTEO, 2021, p.74).

Ao falarmos de alfabetização tudo se torna ainda mais difícil, já que as crianças ficam em casa diante das ferramentas tecnológicas que pouco buscam as habilidades linguísticas. A falta de comunicação com textos e imagens textuais afastou as crianças da realidade da alfabetização e complicaram o entendimento da prática do método de escrita.

Sem um local apropriado e uma condução contínua do professor para direcionar e analisar o desenvolvimento da criança, tudo se torna muito indefinido. Soares (2020) afirma que:

Diagnosticar o nível de compreensão da escrita em que se encontram as crianças tem, para a ação educativa de alfabetizar em situação escolar, objetivos pedagógicos: a partir desse diagnóstico, podem ser definidos procedimentos de mediação pedagógica que estimulem e orientem as crianças a progredir, a avançar de um nível ao seguinte atuando, nas palavras de Vygotsky, sobre sua zona de desenvolvimento potencial. [...] (SOARES, 2020, p. 57).

Neste contexto, cabem algumas indagações que necessitam ser analisadas com o intuito de alcançar uma saída: como o professor pode qualificar a alfabetização de forma distanciada? Existem técnicas e habilidades mais eficazes nessas circunstâncias? Como um cenário atual e que causou espanto no mundo inteiro, as primeiras reações à pandemia de Covid-19 foram guiadas pela improvisação e pela necessidade de não deixar as crianças desprotegidas, já que o afastamento não possuía uma data definida para terminar. Assim, nos primeiros instantes foram passadas algumas tarefas para serem feitas remotamente com o auxílio dos pais.

Mas, logo se compreendeu que a falta da escola ia muito além de um espaço adequado para o ensino; passava pela necessidade de socialização das crianças, pela contextualização do ensino e pela imersão que o ambiente escolar

proporciona, coisas que a casa de cada aluno não permite, tanto pela falta de disciplina quanto ao ensino, quanto pela falta de conhecimentos didáticos dos pais para auxiliarem seus filhos nas tarefas, como afirmam Frigo (2020, p. 110):

Sob essa perspectiva, a ação docente se faz relevante, pois é a promotora – ou não – de um ambiente escolar articulado para a construção de significados socialmente compartilhados que nos remetem à vida em grupo, em comunidade e, simultaneamente, proporciona a elaboração pessoal da construção de conhecimentos.

O professor e a escola logo entenderam que sem a ajuda e comprometimento dos pais grande parte do ano letivo seria perdido e o avanço das crianças ficaria abaixo do esperado. Para complementar isso, muitas escolas e professores apostaram na comunicação através de grupos de *WathsApp*, proporcionando uma proximidade maior e uma resposta mais acelerada às indagações e dúvidas.

Os pais passaram a ser intermediários entre o professor e o aluno, sendo responsável pela direção e programação do tempo de execução das atividades. Porém, isso deriva uma sequência de problemas, como a falta de tempo dos pais e do conhecimento em

relação as técnicas de aprendizagem, o qual demanda tempo e paciência, pois não acontece rapidamente, mas de forma progressiva ao longo de uma prática significativamente planejada. Por outro lado, não é função dos pais ministrar aulas, uma vez que não têm formação específica para exercício da docência.

Diante da dificuldade dos pais em realizar o intermédio entre a escola e seus filhos, propôs-se aulas on-line através de aplicativos que permitissem a participação de todos os alunos coordenados pelo professor. Novos desafios surgiram, como a falta de domínio da tecnologia por grande parte dos professores e a pouca disciplina e paciência por parte dos pais e alunos para acompanhar as aulas. Assim, diante de todos esses problemas levantados, volta-se a pergunta feita anteriormente: como o professor pode qualificar a alfabetização de forma distanciada? É de suma importância que o professor saiba evocar os princípios que Paulo Freire (1997) afirma em “Professor sim, Tia não: cartas a quem ousa ensinar”:

Um dos erros mais funestos que podemos cometer, enquanto estudamos, como alunos ou professores, é recuar em face do primeiro obstáculo com que nos defrontamos. É o de não assumirmos a responsabilidade que a tarefa de estudar nos impõe, como, de resto,

qualquer tarefa o faz a quem a deve cumprir. Estudar é um que-fazer exigente em cujo processo se dá uma sucessão de dor, de prazer, de sensação de vitórias, de derrotas, de dúvidas e de alegria. Mas estudar, por isso mesmo, implica a formação de uma disciplina rigorosa que forjamos em nós mesmos, em nosso corpo consciente. Não pode esta disciplina ser doada ou imposta a nós por ninguém sem que isto signifique desconhecer a importância do papel do educador em sua criação. De qualquer maneira, ou somos sujeitos dela ou ela vira pura justaposição a nós. Ou aderimos ao estudo como deleite, ou o assumimos como necessidade e prazer ou o estudo é puro fardo e, como tal, o abandonamos na primeira esquina. (FREIRE, 1997, p. 28).

De fato, toda essa situação não se apresentou fácil aos professores e alunos, exigindo muito mais do que estavam acostumados. E se o que se objetiva é efetivar de forma determinada aquilo que se espera da criança na série em que ela está, o trabalho e o envolvimento agora devem ser muito maiores, principalmente do professor, que sabe da importância da alfabetização das crianças, sobretudo daquelas que vivem em situações mais precárias. A educação nesses tempos de pandemia passou a ser uma urgência muito mais social do que epistemológica, visto que determinará de forma dolorosa o destino daqueles que tiverem um estímulo melhor.

Assim, tomando os princípios de Paulo Freire como fundamento do agir o educador que pretende êxito em sua prática, deve investir em outras metodologias e ferramentas, como o uso de jogos e vídeos interativos com as crianças. Um recurso importantíssimo para aprendizagem foram as reuniões virtuais, onde os alunos puderam interagir com seus colegas e professores, se envolvendo por meio das atividades, e assim passaram a se interessar mais pela escrita e leitura.

Nas aulas virtuais, antes de apelar para uma proposta imediatista de ensino das letras sem que haja uma localização da necessidade de aprender, o professor pode ler histórias e representá-las de forma lúdica para que a criança se envolva com o sistema de linguagem e seu universo simbólico. Anacleto (2013).

Privilegiando a abordagem construtivista, orientando a criança a formar suas próprias concepções acerca de sua relação com a escrita, o professor trabalha a alfabetização explorando recursos gráficos que despertem a atenção e o interesse das crianças, e ainda revela como a linguagem está relacionada ao seu contexto social e cultural.

Portanto, alfabetizar letrando ou letrar alfabetizando pela integração é sem dúvida o caminho para superação dos

problemas enfrentados nas diversas etapas de escolarização (SOARES, 2004). Porém, conforme Soares (2020) o processo de pandemia afastou as crianças das escolas e das alfabetizadoras em uma fase fundamental do processo de escolarização interrompendo o processo de alfabetização e letramento em que a interação professora e aluno é indispensável.

O dia a dia traz um vínculo de convivência e socialização primordiais no processo de transmissão de conhecimento, principalmente no sistema de escrita alfabética que depende da relação entre a fala e a escrita. Além do impedimento da importante socialização com os professores a privação da socialização com as outras crianças afeta o seu desenvolvimento como indivíduo pertencente a uma sociedade, pois interferem nas trocas de experiências, diferenças, decisões e conflitos.

Sabe-se que neste processo de alfabetização e letramento o conhecimento adquirido em suas brincadeiras e experimentado em casa através da família é de suma importância para o desenvolvimento do conhecimento dessas crianças. O professor, porém, tem papel fundamental nesse processo para orientar e direcionar, canalizando todo esse conhecimento em um desenvolvimento contínuo de aprendizado.

O contato social e a troca de experiências também se faz primordial nesta fase que as crianças estão e com o distanciamento provocado esse impacto foi direto, inclusive com maior afeto crianças que possuem algum distúrbio que precisa de acompanhamento direto e direcionado como mostrado no trabalho de Dias, Santos e Abreu (2021) onde mostra o processo de inclusão social nas escolas e o quanto foi difícil para crianças com autismo este ensino remoto. Os alunos especiais que tinham como a única refeição do dia a merenda da escola, fugitivos do trabalho infantil, enfim, teve-se várias crianças afetadas com intensidades diferentes e de maneiras diferentes.

Na escola, em muitos dos casos, o apoio inexistiu ou foi muito baixo por vários aspectos como a falta de preparo de meios de contato com os alunos, a falta de material apropriado, a falta de interesse, falta de formação para atuação neste ambiente e o próprio impacto emocional. Porém a necessidade de estruturação das escolas públicas e o investimento em educação ficou evidente inclusive na disparidade entre as escolas públicas e privadas do Brasil.

Alguns autores relataram que o cenário também mostrou a resiliência por parte de professores, escolas e famílias na

aprendizagem e na adequação das ferramentas digitais para acompanhamento dos alunos, a busca de diferentes acessos aos alunos e acompanhamentos e a importância que a educação exerce dentro do contexto de família e sociedade.

Questão exemplificada no trabalho de Vieira e Silva (2021):

Apesar dos limites impostos pelo contexto de isolamento social, houve a busca pela efetivação de um projeto educativo construído a partir de vozes plurais, por meio do diálogo entre as educadoras, as crianças e os familiares. A construção de um processo educativo remoto que respeite a vivência da infância, a expressão das diferentes linguagens das crianças e o seu protagonismo tem se constituído através de uma relação de parceria com as famílias que, neste percurso, atuaram como “porta-vozes de seus filhos e filhas”, comunicando os seus interesses, sugerindo propostas a serem ofertadas (tendo como base os relatos que ouvem em casa), e compartilhando as vivências do cotidiano. (VIEIRA E SILVA, 2021, p. 04).

Esse processo de resiliência e força mostrado pelos educadores também foi demonstrado no trabalho de Souza, Silva e Vieth (2021) em um depoimento de uma professora de 20 anos de docência na adaptação ao novo modelo instalado, mostrando as angústias e anseios, mas também, a persistência e paixão pela profissão, como nos relatos abaixo:

Ao longo desses últimos meses de distanciamento social, fui me adaptando às novas normas...cada dia eu buscava compreender melhor a situação, mas ao mesmo tempo ficava ansiosa, porém sem deixar a ansiedade atrapalhar o meu trabalho. Busquei “forças” nos relatos de outras colegas e fomos juntas nos unindo virtualmente. Isso, de certa forma, colaborou muito para aprendermos dia a dia a lidar com a situação; fui fazendo mais formações on-line e lendo sobre o Ensino Remoto.... Nunca deixei de estar preocupada, mas estamos em uma luta incessante para atender a todos, mesmo não conseguindo. Essa realidade, que apresentamos anteriormente, se agrava com o cenário de distanciamento social e tecnológico, pois muitos alunos não têm acesso. (SOUZA; SILVA; VIETH, 2021, p. 285).

O impacto causado na educação dessas crianças foi relatado por Bessa (2021) como tendo uma diminuição significativa na aprendizagem das crianças durante a pandemia. Vários autores colocaram hipóteses, porém com poucos estudos. Neste sentido:

Embora haja um número crescente de publicações com o objetivo de estimar os impactos da pandemia de covid-19 sobre o desenvolvimento e o bem-estar de crianças pequenas e nas desigualdades educacionais, não está evidente qual será a magnitude desses efeitos, em especial no Brasil com grande desigualdade social e um longo período de interrupção das atividades presenciais nas escolas (KOSLINSKI E BARTHOLO, 2021, Pag. 04). Como se trata de um evento não

previsto, a maior parte dos estudos publicados apresenta relatos e percepções de diferentes atores sobre os impactos da interrupção das atividades presenciais e do ensino remoto no desenvolvimento das crianças. Outros estudos realizaram revisões sistemáticas com foco em eventos passados que guardam alguma relação com a pandemia de covid-19 e seus possíveis efeitos nas oportunidades educacionais (KOSLINSKI E BARTHOLO, 2021, p. 06).

Isso mostra o início de uma grande discussão de qual o impacto que este isolamento social e a concentração da educação on-line provocou nas crianças no processo de alfabetização e letramento. Independentemente dos resultados dos artigos, todos apontam que são estudos preliminares e que precisamos evoluir nesta questão para atuar e mitigar todos os eventuais problemas causados.

4 MATERIAIS E MÉTODOS

Para a realização do artigo científico em tela, utilizou-se a abordagem qualitativa que tem como premissa analisar e interpretar aspectos mais profundos, por ser uma pesquisa de cunho subjetivo tende-se a fazer análises detalhadas sobre o fenômeno, pautadas no conhecimento científico (MARCONI; LAKATOS, 2010). Para tal, partiu-se da investigação de como se deu o processo de alfabetização durante a

pandemia de COVID-19 no primeiro ano do Ensino Fundamental, este foi o foco do estudo.

O método utilizado para o desenvolvimento do artigo, foi a pesquisa exploratória que proporciona maior familiaridade com o problema, segundo Gil (2007) essa pesquisa costuma envolver: levantamento bibliográfico; entrevistas; análise de exemplos que estimulem a compreensão. Diante disso, os materiais que serviram de base para esse estudo foram: periódicos científicos, revistas, livros e documentos.

Utilizou-se como estratégia de estudo, a pesquisa bibliográfica entendida como a leitura, a análise e a interpretação de materiais impressos, sendo desenvolvida por material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos. (GIL, 2010).

5 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Há muitos desafios para que se consolide o processo de alfabetização, uma vez que muitas crianças não tem acesso às tecnologias de comunicação principalmente nas camadas mais pobres e a falta de acompanhamento dos pais para auxiliar seus filhos, muitos são analfabetos e não sabem mediar esse ensino durante a realização das tarefas. Outro fator

importante é a falta de interação entre criança e alfabetizador tão essenciais no processo de ensino aprendizagem. A interação através de vídeo aulas, áudio e plantão não são tão eficientes para o processo de alfabetização, uma vez que esses recursos não atingem a todos, ficando impossível de obter êxito total para se consolidar a alfabetização.

Crianças e famílias de baixa renda e escolas públicas tiveram menos acesso a meios de aulas ao vivo através de plataformas digitais e menos apoio da escola como mostrado nos estudos de Koslinski e Bartholo (2021) e corroborado por Barnett e Jung (2020) em estudos conduzidos nos Estados Unidos.

Prender a atenção dos alunos foi outra tarefa mencionada como muito difícil por estarem em casa e com várias distrações. No trabalho de Koslinski e Bartholo (2021) esta hipótese é levantada para explicar a baixa participação das crianças nas aulas remotas e os autores associam as oportunidades de aprendizado ao nível socioeconômico das famílias, onde famílias com nível socioeconômico mais alto realizam com maior frequência atividades que são associadas a aprendizagem das crianças.

Essa sobrecarga de trabalho e estudos aliados aos anseios do âmbito da

saúde causados pela pandemia trouxe também à tona o impacto mental dessas famílias e dos professores. Principalmente de mães que acumularam o papel de cuidadoras da família e educadoras se viram em sobrecarga e em uma classe de alta sensibilidade.

Neste aspecto, Linhares; Enumo (2020) destaca que:

Pode-se observar que esses novos desafios estão muitas vezes potencializando os problemas existentes previamente no contexto familiar, especialmente naquelas que apresentam maior vulnerabilidade psicossocial por viverem em condições adversas com múltiplos fatores de risco.

Por sua vez, Bessa (2021) através de questionários on-line aplicados a professores de duas cidades dos estados de Goiás e São Paulo mostraram que o isolamento social e a mudança abrupta de atividade têm afetado o bem-estar da saúde mental dos docentes e indicam que além de despreparados para o novo modelo se mostram ansiosos, sobrecarregados, cansados, estressados e até depressivos com relação a pandemia.

Nos estudos realizados por Koslinski e Bartholo (2021) apresentou-se os resultados preliminares de uma pesquisa em escolas públicas e privadas através de questionários discutindo os efeitos da

pandemia de covid-19 nas oportunidades de aprendizagem das crianças e mostraram que 80% dos professores das escolas privadas realizavam reuniões pedagógicas virtuais com as famílias e as crianças e 98% dos professores postavam materiais em plataformas e site da turma ou da escola.

Esse percentual caiu para 57,6% entre os professores das escolas públicas em relação as reuniões periódicas. Além disso neste mesmo trabalho mostra que a maior parte dos professores da rede privada dispunha de uma ferramenta para aulas ao vivo com interação com as crianças enquanto nenhum professor da escola pública utilizou-se dessas ferramentas.

O engajamento da comunidade escolar neste momento ajudou para a construção da história da educação e da sociedade. Outro motivo tão importante quanto, foi que as crianças que estabeleceram uma rotina e espaço próprio para estudar, apresentaram melhores resultados no desempenho e aprendizado.

Os grupos que mostraram maior flexibilidade e adaptação ao novo, alcançaram desempenho satisfatório na superação das dificuldades sócio emocionais. A preocupação com a atenção e o auxílio aos alunos e familiares fez a diferença no esforço coletivo para passar o ano letivo de forma cooperativa.

As professoras buscaram o aprendizado, atualização para a melhor utilização dos recursos digitais, em formação contínua para acompanhar as mudanças que a pandemia trouxe para a educação. Os familiares contribuíram para adaptação a uma nova realidade. Foi transformador. A educação precisou ser repensada e reinventada em tempos difíceis.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Acreditamos que a alfabetização dos alunos ao término do ano letivo foi caracterizada pela abrupta suspensão das aulas presenciais diante da pandemia. Por outro lado, percebemos também o desempenho da família como aliada, respondendo as alterações e adequações de forma assertiva e mútua. Observamos também a problemática da qualidade dos equipamentos utilizados pelos estudantes, com também o acesso à internet, questões que precisam ser resolvidas rapidamente.

Outro ponto de reflexão vai ao encontro do comprometimento da comunidade escolar que atuou para a produção da história do ensino e da coletividade. Outro motivo tão significativo quanto, foi que os alunos que determinaram uma rotina e lugar próprio para estudar, apresentaram melhores resultados no desempenho e aprendizado. Os grupos que

mostraram maior compreensão e adequação ao novo, alcançaram comportamentos suficientes no aspecto sócio emocional.

A preocupação no acolhimento, e a ajuda aos alunos e familiares fez a diferença na dedicação conjunta para percorrer o ano letivo de maneira responsável. A busca pelo aprendizado, atualização para a melhor utilização dos recursos digitais, e em formação contínua para acompanhar as transformações que a pandemia trouxe para educação. Os familiares ajudando para adequação a uma nova realidade foi renovador. A educação precisou ser reconsiderada e recriada em tempos difíceis.

Outra situação que merece atenção é a mediação e intermédio do professor no trabalho de alfabetização e letramento, pois, conforme Emília Ferreiro e Ana Teberosky (1985), os avanços nas hipóteses de escrita ocorrem a partir de uma ação sistemática e dialética e de atividades que questionem o que cada criança realizou para que busquem novas resoluções.

Tal ação não seria possível ser atribuída aos familiares e, mesmo com os vídeos em que se buscou reparar um pouco essa situação, averiguou-se o quanto ela é considerada nesse processo e o quanto ainda temos que adaptar e desenvolver para que o trabalho de ensino-aprendizagem a

distância seja tão eficaz quanto o presencial, como descrito por Aragón (2020), em que essas experiências deveriam ser avaliadas e as boas práticas integradas no currículo para compor novos ecossistemas pedagógicos com a inclusão das TDIC.

Assim, ainda que as ações fossem sendo preparadas e realizadas à medida que as situações e adversidades surgiam, a prática e o entendimento do professor, unidos à união e às trocas de pensamentos, colaboraram muito na preparação e ação de cada projeto, chegando a bons resultados, mesmo com aqueles alunos pouco presentes e/ou participativos, pois em algum instante o contato, interação, atividade ou vídeo chegou até ele e pôde-se considerar um desenvolvimento mesmo que inibido.

A partir da construção do nosso artigo científico, entendemos que a escola como um todo deve propor ações mitigatórias tanto pedagógicas como socioculturais, voltadas para reduzir os danos tanto emocionais, como na quebra das relações sociais.

REFERÊNCIAS

ANACLETO, Julia Maria Borges. **O papel do outro na aquisição da escrita pela criança: o construtivismo na alfabetização e a psicanálise.** 2013. 116 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Educação, Faculdade de Educação, USP, São Paulo, 2013.

Disponível em:
https://teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48134/tde-22012014-131822/publico/JULIA_MARIA_BORGE_S_ANACLETO.pdf. Acesso em: 05 dez. 2022.

ARAGÓN, Rosane. **Educação pós-coronavírus: mais tecnologias digitais e novos ecossistemas pedagógicos**. 2020. Disponível em:
<https://gauchazh.clicrbs.com.br/comportamento/noticia/2020/04/educacao-pos-coronavirus-mais-tecnologias-digitais-e-novos-ecossistemas-pedagogicos-ck9d76jx6004n017n2unxog1q.html>. Acesso em: 05 dez. 2022.

BESSA, S. **Professores em tempos de pandemia: percepções, sentimentos e prática pedagógica**. Devir Educação, v 9, n. 7, pag. 183-205, nov. 2021. Disponível em:
<http://devireducacao.ded.ufla.br/index.php/DEVIR/article/view/410>. Acesso em: 1 nov. 2022.

BRASIL. Ministério da Educação. **Parâmetros Curriculares Nacionais - Língua Portuguesa**. Brasília: MEC, 2001.

_____. Ministério da Educação. **Programa de Formação de professores alfabetizadores**. Brasília: MEC, 2002.

_____. Ministério da Educação. **Programa mais alfabetização**. Brasília: MEC, 2018.

BARNETT, S. W.; JUNG, K. **The pandemic and preschool education in five charts**. NEPC Newsletter, September 2020.

CAGLIARI, Luis Carlos. **Alfabetização sem o ba, bé, bi, bó, bu**. São Paulo: Scipione, 1998.

DIAS, A.A.; SANTOS, I, S; ABREU, A.R.P. **Crianças com transtorno do espectro autista em tempos de pandemia: contextos de inclusão/exclusão na Educação Infantil**. Zero-a-Seis, Florianópolis, v. 23 n. Especial, p. 101-124, jan. 2021. Disponível em:
<http://periodicos.ufsc.br/index.php/zeroseis/article/view/79005/45377>. Acesso em 1 nov. 2022.

FERREIRO, E.; GOMES PALACIO, M. (Coord.). **Os processos de leitura e escrita: novas perspectivas**. Trad. Maria L. Silveira. 3ª ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 2003.

_____. **Alfabetização em Processo**. São Paulo: Cortez, 1996.

_____. **Psicogênese da língua escrita**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1985.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. São Paulo: Cortez, 2011.

_____. **Professora sim, tia não: cartas a quem ousa ensinar**. São Paulo: Olho d água, 1997.

_____. **Alfabetização: leitura do mundo, leitura da palavra**. Tradução Lólio Lourenço de Oliveira. 8ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

FRIGO, Andrea Beatriz Gonzales. **Políticas de escrita em contextos de alfabetização:**

caminhos e descaminhos. 2020. 261f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação Educação, Linguagem e Psicologia, Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, 2020.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2007.

_____. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5. Ed. São Paulo: Atlas, 2010.

GOEDERT, Lidiane. **Práticas de mediação pedagógica online em interlocução com o modelo de comunidade de inquirição**. 2019. 430f. Tese (Doutorado) - Curso de Ciências da Educação, Universidade do Minho, Braga, 2019.

JUNG, H. S.; FOSSATTI, P. DUAS DÉCADAS DE LDB 9394/96: GÊNESE, (DES)CAMINHOS, INFLUÊNCIA INTERNACIONAL E LEGADO. **Teoria E Prática Da Educação**, vol. 21, n. 3, pag. 53-65, dez. 2018. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/TeorPratEduc/article/view/45213/pdf>. Acesso em: 01 dez. 2022.

KOSLINSKI, M. C.; BARTHOLO, T. L. **A pandemia e as desigualdades de oportunidades de aprendizagem na educação infantil**. *Estudos Em Avaliação Educacional*, vol. 32, pag. 1-27, dez. 2021. Disponível em: <https://publicacoes.fcc.org.br/eae/article/view/8314>. Acesso em: 02 dez. 2022.

_____. **No mundo da escrita: uma perspectiva psicolinguística**. São Paulo: Ática, 1986.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. **Fundamentos de metodologia científica: técnicas de pesquisa**. 5 ed. São Paulo, SP: Atlas, 2010.

LINHARES, Maria Beatriz Martins; ENUMO, Sônia Regina Fiorim. Reflexões baseadas na Psicologia sobre efeitos da pandemia COVID-19 no desenvolvimento infantil. **Estudos de Psicologia**, Campinas, v. 37, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/estpsi/a/CrYD84R5ywKWBqwbRzLzd8C/?lang=pt>. Acesso em: 02 jan. 2023.

SILVA, Marco. **Sala de aula interativa a educação presencial e a distância em sintonia com a era digital e com a cidadania**. In: **CONGRESSO BRASILEIRO DA COMUNICAÇÃO**, 24, 2001. Campo Grande: Intercom, 2001.

SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros**. Belo Horizonte: Ceale/Autêntica, 1998.

_____. **Alfabetrar: toda criança pode aprender a ler e escrever**. São Paulo: Contexto, 2020.

_____, M. B. **Letramento e alfabetização: as muitas facetas**. *Revista Brasileira de Educação*, São Paulo, n. 25, p. 5-16, jan./abr. 2004. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/89tX3SGw5G4dNWdHRkRxrZk/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 27 nov. 2022.

SOUZA, I. dos S. de; SILVA, A. J. N. da; VIETH, J. dos A. O ensino e aprendizagem da matemática em contexto pandêmico: com a palavra uma professora dos anos iniciais. **Revista BOEM**, Florianópolis, v. 9, n. 18, p. 274-286, 2021. Disponível em: <https://www.revistas.udesc.br/index.php/boem/article/view/19129>. Acesso em: 5 jan. 2023.

TEMÓTEO, Antônia Sueli S. G. A constituição de letramentos, durante a Pandemia: desafios para professores e alunos. In: KERSCH, Dorotea Frank et al. **Multiletramentos na pandemia: aprendizagens na, para a e além da escola**. São Leopoldo: Casa Leiria, 2021. Disponível em: Acesso em: 21.12.2022.

VIEIRA, N. F. S.; SILVA, M. R. P. **Como nó e nós: a documentação pedagógica na creche no contexto da pandemia**. **Holos**, vol. 3, pag. 1-13, ago. 2021. Disponível em: <https://www2.ifrn.edu.br/ojs/index.php/HOLOS/article/view/11628>. Acesso em: 10 dez. 2022.